

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Cinema Italiano – O Lado B  
23 de Julho de 2021

# IL MERLO MASCHIO / 1971

*(A Minha Mulher É um Violonsexo)*

Um filme de PASQUALE FESTA CAMPANILE

**Realização:** Pasquale Festa Campanile / **Argumento:** Pasquale Festa Campanile a partir do conto “Il Complesso di Loth” de Luciano Bianciardi / **Fotografia:** Silvano Ippoliti / **Música:** Riz Ortolani / **Direcção Artística:** Ezio Altieri / **Montagem:** Sergio Montanari, Mario Morra / **Intérpretes:** Lando Buzzanca (Niccolo Vivalvi); Laura Antonella (Costanza); Lino Toffolo (Cavalmoretti); Ferruccio De Ceresa (O Psicanalista); Gianrico Tedeschi (O Maestro); Gino Cavalieri (Pai de Costanza); Elsa Vazzoler (A Mãe de Costanza); etc.

**Produção:** Silvio Clementelli para a Clesi Cinematografica / **Cópia:** digital, cor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 110 minutos / **Estreia Mundial:** Itália, 22 de Setembro de 1971 / **Estreia em Portugal:** Cinema Batalha (Porto) a 3 de Fevereiro de 1975.

---

A cópia digital que iremos exhibir é a única possível de ser exibida actualmente. Os negativos do filme perderam-se e as poucas cópias em película que sobrevivem são cópias de época já num estado muito precário. Este “restauração” digital apresenta algumas das deficiências já patentes nessas cópias.

---

Se Pasquale Festa Campanile que - recorde-se - antes de se tornar realizador (em 1963), foi, durante a década de 50 do século passado, um argumentista relativamente conceituado, tendo trabalhado com Dino Risi (obviamente a sua maior referência), Mario Camerini, Marco Ferreri, Mauro Bolognini e até Visconti (em **Rocco e os Seus Irmãos** e **O Leopardo**), já enquanto realizador foi sempre ignorado (para não dizer menosprezado) pela crítica sua contemporânea.

Se é um facto inegável que, neste caso, o talento do discípulo não iguala o do mestre (Dino Risi), não o é menos que, mesmo na numa altura em que quase tudo se “recuperou”, desde Russ Meyer à **Emanuelle**, (para me cingir ao chamado “género erótico”) esse esquecimento (apagamento) parece-me algo injusto.

Mas a misoginia, hoje em dia, é um pecado de difícil redenção.

E, efectivamente, neste **Il Merlo Maschio** a personagem da mulher – Laura Antonelli, no auge da sua carreira -, é bastante mal tratada.

Todo o filme se centra no protagonista frustrado, Vivaldi de seu nome, que é o motor de toda a acção. A mulher é apenas um veículo, sem vontade própria, submissa (dona de casa sem profissão) e sem força condutora. Essa característica foi-lhe ainda mais imperdoável uma vez que o sucesso comercial do filme (que foi considerável) se ficou a dever sobretudo a Laura Antonelli.

Numa entrevista dada à revista Positif o autor é muito claro sobre o que o motivou a fazer este filme:

“Quis mostrar como este músico, sem personalidade, consegue vencer um dramático complexo de inferioridade, de frustração. Numa sociedade competitiva como a de hoje, um homem sem personalidade sobrevive muito mal. (...) Considero medíocre a sociedade que não deixa que um homem viva feliz na sua “mediocridade”. (...) Eu, pelo contrário, tenho uma grande simpatia pelas pessoas medíocres e acho que toda a gente tem o direito de o ser”.

Pondo de lado a questão (porventura interessante até do ponto psicanalítico, num filme que trata tão mal o psicólogo e por tabela a psicanálise) se o próprio Campanile teria ou noção das suas limitações a ponto de se considerar a si próprio medíocre, parece-me evidente que a grande lacuna deste autor, o aspecto que domina pior, é precisamente a direcção de actores. Aí a diferença com Dino Risi (e já não falo de Visconti, que também dirigiu Laura Antonelli) é abissal.

Sente-se que se todos os actores, protagonistas e secundários, tivessem dado o que podiam e sabiam, o filme ganharia outra aura.

Por outro lado, os grandes momentos de filme são os grandes “achados” de um argumentista competente e inspirado. Para só citar um, ideia do melro (não é por acaso que dá o título ao filme), e dos pássaros em geral que funcionam como metáfora e que percorrem todo filme. Como bem notou o crítico Ari Bem Canaan, na entrevista acima citada, “o fio condutor é o tema dos pássaros . É a imitação, pelo herói, do canto do melro que lhe permite conhecer a futura esposa; os sogros têm um negócio de pássaros, a ópera que compõe (“O Melro Macho”) é inconscientemente plagiada da ópera de Rossini (que se chama “A Pega Ladra”) e finalmente, quando a sua loucura atinge o auge, no último plano do filme, ele próprio de torna num pássaro, assobiando em cima da árvore.”

Campanile acrescenta: “Os pássaros são para mim seres puramente poéticos. (...) É a aspiração à felicidade, à inocência. Na sua loucura o protagonista sente inconscientemente essa aspiração, evadir-se de um cruel, tornando-se num pássaro, isto é, num ser livre, fora das estruturas de uma sociedade tão feroz de que ele é vítima.”

Parafraseando o crítico da revista Celuloide, Fernando Duarte, quando em 1975 se revoltava contra as vozes (e eram várias) saudosas de uma censura há pouco extinta, e que se escandalizavam com este e outros filmes do género:

**Il Merlo Maschio**, a comicidade amarga.

A vários níveis, acrescentaria eu.

JOÃO PEDRO BÉNARD